

# Veredinhas da infância em “Presepe”, de João Guimarães Rosa

Little trails from childhood in “presepe”, by João Guimarães Rosa

*Regina da Costa da Silveira\**

## *Resumo*

O ensaio analisa e interpreta o conto “Presepe”, do livro *Tutaméia*, de João Guimarães Rosa, examinando o cerimonial empreendido por Tio Bola, oitenta anos, numa noite de Natal. Como apoio crítico-teórico conta-se com o texto “Os atos obsessivos e as práticas religiosas”, na qual Sigmund Freud investiga a situação em que o indivíduo devoto desenvolve o cerimonial religioso sem indagar o seu significado ou nem mesmo conhecer o sentido simbólico dos ritos. Da mesma forma como os heróis antigos empreendem suas aventuras, Tio Bola põe-se à luta, no caso, contra sua própria solidão, ao criar a representação de um presépio numa estrebaria enquanto “todos” foram à vila para a missa do galo. Nesse empenho, o herói rosiano deixa entrever a regressão aos estágios infantis, ao mesmo tempo em que, como ancião, reatualiza o saber ancestral do inconsciente coletivo. A fragmentação da ordem na aparente totalidade que a família representa e a subversão de alguns rituais do cerimo-

nial religioso são fatos que se somam no itinerário desse herói para anunciar que a vida ainda se agita no fragmento, que é sempre matéria vertente, abrindo espaço para o sonho e para a criação.

*Palavras-chave:* literatura, ritos de passagem, inconsciente coletivo, família, criação.

\* Doutora em Letras – UFRGS, professora da UNIRITTER Porto Alegre - RS.

*Recebido em fev. 2005 e avaliado em jul. 2005*

“À medida que envelhecemos, parece que a infância fica mais perto.”

Iberê Camargo

Tio Bola, em seus oitenta anos, é o herói de “Presepe”, um dos quarenta contos de *Tutaméia, terceiras estórias*, de João Guimarães Rosa. O tio fora “deixado na fazenda”, “por achaques de velhice”, e “aceitara ficar”, de “boa graça, dando visíveis sinais de paciência”, pensando: “dos outros convém é a gente se livrar”, enquanto “todos foram à vila, para missa-do-galo e Natal”. Acompanham Tio Bola na fazenda a “cozinheira cardíaca” Nhota e Anjão, “o terreireiro”, “imbecil” (ROSA, 1976, p. 119).

É possível afirmar que dois grupos distintos fazem parte do conto: o grupo dos que ficam em casa, personagens definidos e atuantes, e o grupo formado por “todos”, isto é, pelos “parentes”, “meninos e adultos”, que vão à vila, sem esquecermos de que o indefinido “todos” significa “todas as pessoas”, “toda a gente”.

Tio Bola aceitara ficar em casa porque assim se livrava dos que o atormentavam, mas, quando a casa fica vazia, ele sente que “a gente precisa também da importunação dos outros”, achando-se “desestimado”. Pensava na vila, no Natal e na missa, querendo então “ver visões”, e fingia recolher-se, quando resolve recriar a sua noite de Natal.

### “A velhice entristecia-o só um pouco”

Para montar um presépio, ou o “presepe”, Tio Bola dispõe dos recursos locais. Para isso, pede ao Anjão que traga ao curral um boi, estando já no pequeno cercado

o burrinho e o cocho para manjedoura: “Os currais todos ermos, menos aquele...” Tio Bola reflete para “distrair saudades” e esperar, “ocultado num ponto do curral” (p. 120), como os animais que ali estão, e decide em silêncio deitar-se no cocho. “Caduco de maluco não estava”, “riu do que não sentiu; riu e não cuspiu. Estava ali a não imaginar o mundo” (p. 120). É assim que ele dorme ao relento, vendo as estrelas no seu caminhar até a estrela-d’alva se recolher. Quando “a última estrelinha se pingou para dentro”, o Anjão solta os animais aos campos, Nhota vai coar o café e os outros voltam “da vila, de Natal e missa-do-galo” (p. 121).

Esse conto de apenas três páginas, na edição de *Tutaméia* que ora consultamos, é uma das mais belas narrativas rosianas. Densa em neologismos, verdadeira obra de arte das nossas letras, possui leveza e sensibilidade notáveis ao tratar de um personagem idoso. Tudo isso se deve muito às sinestésias, às descrições sensoriais encontradas em construções sucintas, verdadeiro “abreviado de tudo”, conforme se lê num dos prefácios da obra. Frases de aparente simplicidade entrelaçam com acuidade instigante as mais variadas sensações, desde o tato, o olhar e até o olfato: “Tio Bola tateou o cocho: limpo, úmido de línguas. Empinou o olhar: a umas estrelinhas miudinhas [...]. De anos, só isto, hoje somente, tinha ele resolvido e em seu poder: a Noite, o curralete, o cheiro de esterco, céu aberto.” Esse narrador perspicaz aguça, portanto, todos os nossos sentidos, além de instigar o leitor a descobrir significados em momentos e lugares em que o tempo parece escorrer apenas para o trivial e para o residual na vida de um ancião.

## Ritos de passagem: “Natal era noite nova de antigüidade tintins, tilintos, laldas e loas”

A reatualização do Natal em “Presepe” se dá também mediante a celebração de um ritual, o de recriar o presépio vivo, com a representação da manjedoura, dos animais, mas com a estranha presença de uma pessoa velha, no caso, Tio Bola, com seus oitenta anos, no lugar de Jesus, recém-nascido.

Ao tratar do cerimonial religioso em “Os atos obsessivos e as práticas religiosas”, Freud (1958) analisa a situação em que o indivíduo devoto desenvolve o cerimonial religioso sem indagar o seu significado ou sem nem mesmo conhecer o sentido simbólico dos ritos. No conto de Guimarães Rosa, o herói é levado pelo desejo de ver a vida de modo diferente, de transformar suas “mazelas diversas” de um modo “afobado e azafamoso”, decidindo-se por “montar” o presépio. Da mesma forma como os heróis antigos empreendem uma aventura, Tio Bola põe-se à luta, no caso, contra a sua própria solidão.

A idéia de uma regressão aos estágios infantis e do insólito instaura-se no texto a partir do estranhamento causado pelo fato de ser encontrada dormindo num cocho de estrebaria uma pessoa de oitenta anos. Há realmente uma violação da ordem, uma ordem que, para o personagem, vem fragmentada pela carência, uma vez que ele sente falta dos “outros”, gostaria também de participar do Natal, pois “Natal era noite nova de antigüidade. [...] animação para surpresas, tintins, tilintos, laldas e loas! O burro e o boi – à manjedoura – como quando os bichos falavam e os homens se calavam”, e “bicho não era

limpo nem sujo”. O herói queria, pois, “continuação”, “devia distrair saudades, a velhice entristecia-o só um pouco”.

A aparente totalidade, que vem representada por “todos” – ou seja, os parentes mais jovens que foram à vila participar da missa do galo, um dos rituais da celebração natalina – acha-se subvertida pela existência de um herói como Tio Bola e, com ele, Anjão e Nhota, representantes de uma realidade fragmentada. No entanto, como protagonista do conto, Tio Bola passa a ser visto pelo leitor como uma “totalidade”, na medida em que assume o “comando” das ações, ações que vêm marcadas pela presença de um narrador, mas que resultam também numa imagem fruto das “visões”, ou seja, ao encenar o presépio a partir do desejo de querer ter visões e de suas experiências, o herói deixa verter a ficção dentro da ficção, uma forma de superar a solidão, reinventando a sua realidade, dando-lhe novas cores e atribuindo-lhe novos sentidos.

Desse modo, ao reatualizar o Natal, Tio Bola desautomatiza o ritual, na medida em que não participa do cerimonial coletivo que caracteriza a missa, mas de um quadro que ele próprio cria e em que ele é sujeito, ocupando lugar de destaque, no centro do quadro. É quando ocupa a manjedoura, o cocho “úmido de línguas”: “Deitava-se no cocho? Não como o Menino, na pura nuez... O vôo de serafins, a sumidez daquilo. Mas, pecador, numa solidão sem sala” (p. 120-121). No lugar do Menino, celebra a sua condição de herói, pois “teve para si que podia – não era indino, – até o vir da aurora. Que o achassem sem tino perfeito, com algum desarranjo do juízo!” (p. 121).

É um momento de transcendência que o herói-ancião proporciona a si mesmo. Ele não só se apropria e, de certa forma, reatualiza um tempo primitivo “em que os bichos falavam e os homens calavam” e um espaço – “A gente podia esperar, assim como eles /os animais/ ocultado num ponto do curral” –, mas propõe uma nova ordem ao advertir que “o contrário do aqui não é ali...” (p. 121), que “em espírito da gente ninguém intruge” (p. 120). Símbolo do princípio oculto, o ancião reatualiza e personifica assim o saber ancestral da humanidade ou o inconsciente coletivo.

Por outro lado, a fala do narrador, quando observa que o herói “dormiu de pés postos”, aparece para fragmentar este quadro em que a vida parece encontrar a plenitude em sua representação, já que dormir de “pés postos” lembra a morte, a posição dos indivíduos dos “pés juntos” e das “mãos postas” quando colocados no esquife. De mãos postas estariam “todos” naquela noite na missa do galo. Da celebração da missa, o texto faz alusão a uma passagem do Evangelho que é dita ou cantada pelos fiéis em voz alta e de modo coletivo durante a celebração: “Senhor, não sou digno de que entreis em minha morada...” Essa passagem inverte, contudo, seu significado na reflexão de Tio Bola, pois ele “não era indino [...] teve para si que podia – não era indino – até o vir da aurora” (p. 121).

Como representação do nascimento de Cristo é que se tem o presépio na tradição do Natal e segundo o Evangelho. O presépio, montado pelo herói do conto, põe em evidência também a vida, mas uma vida que se fragmenta, chegando perto do fim. Por outro lado, é pela necessidade de “continuação”

que o herói busca fazer parte de um todo, ou seja, busca integrar-se de modo consciente a outros elementos da natureza, “gado e cavalgadura”, achando que “bicho não é limpo nem sujo”. Assim, a noite de Natal é plenitude da vida também no curral ermo, enquanto as estrelas “prosseguiam no seu caminhar” até que “a última estrelinha se pingou para dentro”. A estrela, fragmento de luz na escuridão da noite, será de dia a totalidade enquanto sol. Uma “continuação” sempre será necessária.

O herói fragmentário em sua existência, na metáfora da estrelinha pingando-se para dentro, põe em evidência, no entanto, o caráter efêmero do que se diz fragmento e do que pode parecer totalidade. Uma dinâmica aparece no substrato de uma aparente síntese entre contrários que o texto deixa entrever com a expressão: “Da noite era um brotar, de plantação, do fundo. A noite era o dia ainda não gastado. Vez de espertar-se, viver esta vida aos átimos...” (p. 121).

É no “viço da noite”, quando “a hora dobrou de escura”, que Tio Bola busca restaurar a parte perdida da vida anímica infantil, do ancestral e dos tempos primordiais em que “os animais falavam e os homens calavam”. “O mundo perdeu seu tique-taque. Tombou no quiquiri de um cochilo. Relentava.”

Com efeito, a noite é para o herói a vez também de espertar-se e, como se sabe, é à noite que se produzem os desejos mais intensos; é quando os sonhos e as fantasias encontram palco aberto para serem liberados, propiciando o reencontro com a unidade perdida, com a vida em seus átimos, em seus instantes de gozo pleno.

## A vida fora das molduras: uma continuação sempre necessária

Ao admitir que “o achassem sem tino perfeito”, o herói lembra a condição de “santo e louco” ou de “sem nenhum caráter” em que já se enquadraram outros heróis da literatura (um Dom Quixote, um Macunaíma), enquanto buscam restaurar em si e em seu mundo a unidade perdida, seja para aplacar sua angústia diante do sentimento de culpa fundamental sobre a qual repousa o pensamento judaico-cristão, seja para alimentar tanto quanto possível seus desejos buscando “ver visões”, através da imaginação – tão necessária para que a vida aconteça “fora das molduras” –, imaginação que, como no sonho, aparece como desejo recalcado. São, pois, as fantasias, comuns aos mitos, que servem para impulsionar os indivíduos para a criação, para as interações do grotesco e do sublime.

Tio Bola sente que não cabe dentro das quatro paredes de seu quarto naquela noite. Necessita de um quadro, de um espaço novo, e é dentro desse quadro representado por imagens recriadas do Natal que o herói solta a vida das molduras, vive a vida “aos átimos”. A solidão do herói era antes, conforme o texto, “uma solidão sem sala”, sem limites, e é através da imitação que se anima para ele a satisfação do desejo, no caso, o de restaurar uma dimensão imensurável de tempos muito antigos, dimensão esta representada no conto “Presepe” pela celebração do nascimento do deus-menino. O quadro que se reproduz nos limites estabelecidos por um espaço (a estrebaria), um tempo (a noite) e uma ação (deitar-se na manjedoura) é o mesmo que contribui para a realização e satisfação do desejo. Desejo que é quase impos-

sível de ser dito, pois que é também “sem sala”, difícil de ser acomodado nos limites de quatro paredes, tal como no texto vem caracterizada a solidão do herói.

Trata-se de uma situação criada pelo personagem que pode encontrar correspondência na própria criação literária de Guimarães Rosa, se pensarmos que um personagem velho, desprovido das virtudes tidas como exemplares, tais como o porte físico e a astúcia que a idade de uma pessoa jovem propicia, não “caberia” no conto como herói, como centro do “espetáculo”. Mas Tio Bola está a nos dizer que a vida é sempre um espetáculo novo, ainda que encene memórias de um tempo muito antigo; um palco constante em que entramos quase sempre de improviso; um quadro sempre por desenhar...

Guimarães Rosa não apenas estratifica a totalidade, que vem determinada pelo caráter uno e indivisível de um herói tal como a tradição o concebe, como também valoriza os espaços em que predomina o silêncio, mostrando que ainda no fragmento da realidade a vida se agita, que aí existem estilhaços do sagrado, do heroísmo, representado por temas que na aparência são residuais, mas que para a arte rosiana são sempre matéria vertente.

Quanto ao quadro do presépio e aos ritos de passagem do Natal, consistem numa representação que se inscreve entre os mitos do Ocidente cristão, que reatualiza imagens longínquas e, ao mesmo tempo, familiares ao narrador.

Já a inserção de Tio Bola entre os heróis, “santos e loucos” da literatura universal, comparável ao Dom Quixote de Cervantes, deve-se não apenas a essa familiaridade do narrador com os mitos ocidentais, mas, de modo especial, às ca-

racterísticas que perfilam um herói que busca restaurar a unidade perdida pela via e por um périplo em que o grotesco é também sublime. Plenitude e carência se revezam como se revezam luzes e trevas, dias e noites em nossa vida. Enquanto Dom Quixote “topava com as urtigas”, Tio Bola “topava era tristeza – isto é, falta de continuação”, ao que segue a observação: “Por que é que a gente necessita, de todo jeito, dos outros? Velho sacode facilmente a cabeça [...]. Riu do que não sentiu; riu e não cuspiu” (p. 119-120).

Cíclica seria a trajetória do indivíduo que envelhece como ocorre com toda a espécie de ser vivo, não fosse a sua capacidade de romper com os laços que estreitam as possibilidades para a imaginação e para sentir que a vida se agita ainda no fragmento. Em “Presepe”, o próprio nome do personagem “Tio Bola” poderia apontar para a circularidade do percurso desse herói, indicando o fechar-se sobre si mesmo, o caráter cíclico da existência humana. Mas o comentário feito pelo narrador justifica o qualificativo: “Tão gordo fora; e, assim, como era, tinha só de deixar de fora seus rústicos cotovelos. Agora, o comichar, uma coceira seca” (p. 121) o que aponta para a transformação e o envelhecimento físico.

Não obstante a soma dos anos atestar esse desgaste físico próprio da velhice, é sabido também que o envelhecer possibilita e deixa transparecer o acúmulo da experiência. Como disse o filósofo Ortega y Gasset, “a vida é sempre diferente do que foi [...]. Mas se alguém, além de ser velho, e, portanto, cuja vida começa a ser difícil, perde a memória do passado, não aproveita sua experiência, então tudo passa a ser desvantagem” (ORTEGA Y GASSET,

1987, p. 105). E a experiência se refaz e se reinventa mesmo é no palco de cada dia, no entrelaçar dos fios da nossa narrativa, que é diferente a cada dia, na contínua revisão de nossos conceitos prenunciando que “felicidade se acha é em horinhas de descuido”.

## Abstract

This essay analyses and interprets the story “Presepe” from the book *Tutaméia*, by João Guimarães Rosa. It exams the ceremonial practiced by Tio Bola, who is 80 years old, at the Christmas Night. As a theoretical and critical support, it counts on the text “The obsessive acts and the practical religions”, where Sigmund Freud investigates the situation in which the devout fellow develops the religious ceremonial without asking himself about its meanings nor being aware of the symbolic meanings that these rituals have either. Tio Bola fights against his own solitude as well as old heroes take their adventures. In his case, he turns a stable into a manger, while “everybody” was in the villa to attend the Midnight Mass. This way, the hero of Guimarães Rosa shows a regression to the childhood stages. Moreover, as old-man, he updates the ancestral knowledge of the collective unconsciousness. The fragmentation of the order in the seemingly totality that a family represents and the subversion of some rituals of the religious ceremonials are facts to be counted in the itinerary of this hero. It announces that life is still excited in its fragments, that it is always a subject that flows, giving a chance of expression to the dream and to the creation.

*Key words:* literature, rituals, collective unconsciousness, family, creation.

## Referências

CURTIUS, E. *Literatura européia e Idade Média latina*. Rio de Janeiro: Instituto Biblioteca Científica, 1957.

FREUD, S. *Obras completas de Sigmund Freud*. Rio de Janeiro: Delta, 1958.

MACINTYRE, A. *Depois da virtude*. Trad. Jussara Simões. Bauru: Edusc, 2001.

ORTEGA Y GASSET, J. *A rebelião das massas*. São Paulo: Martins Fontes, 1987.

## Endereço

Regina da Costa da Silveira  
Jacicoema, 492  
CEP: 91770-420  
Porto Alegre - RS  
E-mail: flausina@terra.com.br